

## Quixote, Quaderna e a cavalaria extemporânea

Prof. Dr. Raúl Cesar Gouveia Fernandes<sup>1</sup> (UniFEI)

### Resumo:

*Assim como Quixote, o personagem Pedro Dinis Quaderna do Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta, de Ariano Suassuna, pode ser descrito como um "cavaleiro extemporâneo". Na literatura contemporânea a figura do cavaleiro andante é normalmente retratada como portadora de um ideal de impossível realização em tempos pragmáticos como o nosso, quando o sujeito carece de referenciais éticos fixos (como por exemplo, na obra de Ítalo Calvino e Almeida Faria). Suassuna, por outro lado, além de demonstrar a permanência do ideal da cavalaria na cultura popular brasileira, cria um cavaleiro desajustado que, como Quixote, vislumbra através da loucura aspectos inusitados da realidade – daí que Quaderna seja cognominado "O Decifrador".*

**Palavras-chave:** D. Quixote, Suassuna, cavalaria.

“Cavalaria” é um termo pleno de ressonâncias: poucas palavras têm, como esta, tanto poder evocativo e tanta capacidade de despertar a imaginação. Transitando continuamente entre os pólos da realidade e da ficção, o cavaleiro errante ocupa ainda hoje posição de destaque na fantasia popular, que o retrata de diversas formas: como defensor de órfãos e viúvas, guiado por uma ética exigente que lhe impõe a lealdade e a justiça como valores máximos; como cruzado para libertar o túmulo de Cristo de mãos pagãs ou aventureiro inconseqüente no encalço da fama e do amor de nobres donzelas; como idealista incompreendido a combater moinhos de vento... Traços por vezes até contraditórios confluem a este personagem protético que sobreviveu, adaptando-se ao longo de séculos, no imaginário coletivo.

A literatura cavaleiresca, criação tipicamente medieval, exerceu enorme fascínio sobre sucessivas gerações de leitores modernos. Com efeito, a ficção literária foi um dos ingredientes que contribuíram de modo decisivo para a idealização da cavalaria, possibilitando sua sobrevivência para além do contexto histórico que a engendrou, no século XII<sup>1</sup>. Assim, diversos ramos da cultura continuam a testemunhar a fecundidade do ideal cavaleiresco muito depois da Idade Média. Na literatura, além das óbvias referências a Cervantes e a escritores românticos (como Walter Scott, Dumas e Herculano), é preciso mencionar que romancistas contemporâneos voltaram a pôr em causa a figura do cavaleiro, como Ítalo Calvino e o português Almeida Faria. Guimarães Rosa e Ariano Suassuna atestam a vitalidade do imaginário cavaleiresco na cultura brasileira, assim como a poesia de cordel nordestina e as *cavalhadas* que ainda hoje se realizam em diversas regiões do país. No terreno da música, Wagner compôs em meados do séc. XIX duas óperas protagonizadas por cavaleiros medievais: *Tristão e Parsifal*. Também o cinema não ficou imune a sua influência: ainda hoje ressoam elementos cavaleirescos nas aventuras policiais e até mesmo nos grandes sucessos da ficção científica, em que novos heróis punem seus inimigos com golpes de espada *laser*. Nos tempos atuais, cada vez mais pragmáticos, em que o homem, carente de sentido e certeza, se vê como mero joguete de circunstâncias ou interesses, a figura do cavaleiro – que a fantasia pinta como “representante da liberdade absoluta em direção ao ideal”, de acordo com a bela expressão

---

<sup>1</sup> Sobre a cavalaria medieval, cf. CARDINI, 1989 e FLORI, 2002. Sobre as relações entre a literatura cavaleiresca e o contexto histórico do séc. XII, veja-se KÖHLER, 1984.

lembrada por Huizinga ([s.d], p. 79) – pode parecer anacrônica ou até mesmo infantil, mas continua a seduzir.

Não é de estranhar, portanto, que o ideal da cavalaria permanecesse bastante vivo no imaginário do Renascimento. Não apenas textos medievais continuavam a ser lidos (lembre-se que a versão portuguesa da *Demanda do Santo Graal* foi preservada por um manuscrito datado de fins do século XV e que, no ano de 1535, a versão castelhana da obra ainda foi reeditada em Sevilha), como numerosos autores recorriam a antigas narrativas cavaleirescas, renovando-as: para confirmá-lo bastará citar a *Morte de Artur*, de Thomas Malory (1485), o *Orlando Furioso*, de Ariosto (1516), e as referências aos doze pares de França n' *Os Lusíadas*.

O elo menos conhecido desta longa tradição é o constituído pelos livros de cavalaria do Renascimento ibérico. Ao ler o *Quixote*, o leitor moderno tem notícia desta volumosa produção que precede e justifica a obra-prima de Cervantes; mas, assim como o cura daquele obscuro vilarejo da Mancha que lançou quase toda a livraria de seu amigo às chamas, público e crítica relegaram boa parte dessas obras ao olvido quase completo por séculos. Embora tenha sido composto com o intuito declarado de ridicularizar e pôr termo à voga dos livros de cavalaria, o *Quixote* é também o maior testemunho da enorme popularidade deste gênero de origem medieval na Espanha renascentista. Com efeito, o *corpus* dos livros de cavalaria castelhanos conta com nada menos que 63 títulos impressos (muitos reeditados várias vezes) entre o séc. XVI e o princípio do seguinte, sem contar as obras perdidas e os textos que permanecem manuscritos (cf. LUCÍA MEGÍAS, 2000, p. 65-67). Tem razão, portanto, Jerusa Pires Ferreira ao afirmar que nos primeiros tempos da imprensa, a novela de cavalaria veio a transformar-se numa espécie de literatura de massas (1995, p. 79). A voga cavaleiresca também se fez sentir na literatura portuguesa, ainda que com menor intensidade, sendo responsável pelo surgimento de algumas obras primas da prosa portuguesa do Renascimento, tais como a *Crônica do Imperador Clarimundo*, de João de Barros, e o *Palmeirim de Inglaterra*, de Francisco de Moraes, uma das poucas que foram consideradas dignas de preservação na famosa cena do escrutínio da biblioteca de D. Quixote.

Justificou-se frequentemente o desinteresse da crítica moderna pelos livros de cavalaria ibéricos renascentistas alegando que se trataria de um gênero àquela altura já moribundo, uma vez que refletiria uma visão de mundo medieval e, portanto, necessariamente “ultrapassada” no séc. XVI. O próprio D. Quixote tem perfeita consciência de proclamar um ideal em desuso, descrevendo sua missão como uma tentativa de ressuscitá-lo:

Sancho amigo, has de saber que yo nací, por querer del cielo, en esta nuestra edad de hierro, para resucitar en ella la de oro, o la dorada, como suele llamarse. Yo soy aquel para quien están guardados los peligros, las grandes hazañas, los valerosos hechos. Yo soy, digo otra vez, quien ha de resucitar los de la Tabla Redonda, los Doce de Francia y los Nueve de la Fama (CERVANTES, 2004, p. 193).

São muitos os fatores que explicam o fato de não haver mais lugar para o cavaleiro andante durante o Renascimento. A centralização política, que tendia a concentrar o monopólio do uso da força e do exercício da justiça nas mãos da Coroa, deixava pouco espaço de atuação para aventureiros solitários – como demonstra, de resto, a desastrosa atuação de Quixote no episódio da libertação dos galeotes (parte I, cap. 22). Além disso, a partir do séc. XV a intensificação do uso da pólvora revolucionou completamente a estratégia militar, levando à progressiva decadência da cavalaria tradicional. O emprego de instrumentos de artilharia e a profissionalização dos exércitos conferiam importância crescente à infantaria em detrimento da antiga e prestigiosa cavalaria (cf. KEEN, [s.d.], p. 241-242); embora tenha sobrevivido como cobiçado título honorífico e como modelo de heroísmo no imaginário da época, a cavalaria revelava-se claramente obsoleta do ponto de vista militar. Como não poderia deixar de ser, o fato não passou despercebido até mesmo para D. Quixote, que em certo momento maldiz os novos instrumentos bélicos por sua incompatibilidade

com os métodos de combate da cavalaria tradicional, pautados no enfrentamento *vis à vis* com o inimigo e nos valores de honra pessoal e nobreza:

Bien hayan aquellos benditos siglos que carecieron de la espantable furia de aquestos endemoniados instrumentos de artillería, a cuyo inventor tengo para mí que el infierno se le está dando el premio de su diabólica invención, con la cual dio causa que un infame y cobarde brazo quite la vida a un valeroso caballero (...). Y así, considerando esto, estoy por decir que en el alma me pesa de haber tomado este ejercicio de caballero andante en edad tan detestable como es esta en que ahora vivimos; porque aunque a mí ningún peligro me pone miedo, todavía me pone recelo pensar si la pólvora y el estaño me han de quitar la ocasión de hacerme famoso y conocido por el valor de mi brazo y filos de mi espada (CERVANTES, 2004, p. 413).

Assim, só poderia se explicar pela loucura que alguém, em inícios do séc. XVII, ainda desejasse errar pelos caminhos em busca de aventuras, tal como os antigos cavaleiros andantes. Se isto pode ser verdadeiro no que diz respeito à realidade histórica, tal crítica, quando aplicada aos livros de cavalarias, parece entretanto desconsiderar que o “sentido” de um texto literário qualquer não se esgota com a identificação de suas possíveis conexões extra-literárias – e os livros de cavalarias quinhentistas são grande exemplo disso. Escritos num momento em que as navegações, o comércio e a observação científica pareciam apresentar a realidade (não só o globo, mas todo o universo) como algo compreensível e controlável – desprovida, portanto, do mistério prenhe de significado com que até então fôra imaginada – os livros de cavalarias representam uma poderosa trincheira de resistência contra o utilitarismo mercantilista e o esvaziamento do real operado por um cientificismo incipiente. Partindo desse pressuposto (segundo o qual entre o *Quixote* e seus predecessores há mais continuidade que ruptura) compreende-se melhor o motivo do sucesso das narrativas cavaleirescas durante os séculos XVI e XVII. É que, em suma, os livros de cavalarias representam uma forma de ficção “pura”, desempenhando no Renascimento a função, vital em todas as épocas, de resgatar o homem de sua tendência permanente a enclausular-se na estreiteza de horizontes da vida cotidiana. Ao contrário, diz Mircea Eliade,

os sonhos, os devaneios, as imagens de suas nostalgias, de seus desejos, de seus entusiasmos etc. [constituem] forças que projetam o ser humano historicamente condicionado em um mundo espiritual infinitamente mais rico que o mundo fechado do seu “momento histórico” (ELIADE, 1991, p. 9).

Por isso, ao mesmo tempo em que ironizava os clichês dos livros de cavalarias – e, é bom que se note, Cervantes não despreza o gênero cavaleiresco enquanto tal – o autor do *Quixote* também os utilizou, paradoxalmente, para dirigir uma crítica a valores de seu tempo, em que não haveria mais espaço para o heroísmo desinteressado e puro dos antigos cavaleiros andantes.

Não foi, contudo, o pobre fidalgo manchego o único a se render a delírios cavaleirescos em pleno séc. XVII: a desastrosa campanha de Alcácer-Quibir, empreendida por D. Sebastião em 1578, também parece ter sido motivada por razões semelhantes. As causas que levaram o rei de Portugal a aventurar sua sorte (e também a da própria autonomia do reino) numa expedição arriscada e aparentemente desnecessária permanecem incompreensíveis se não se levam em consideração as fantasias heróicas e cavaleirosas que certamente inflamavam a imaginação do jovem monarca<sup>2</sup>. Por isso, a historiografia portuguesa oscila entre uma complacente justificativa da inconseqüência do rei por sua pouca idade (cf. MAGALHÃES, 1997) e a veemente crítica por seu desatino e

<sup>2</sup> Ao discorrer sobre a educação recebida por D. Sebastião, Joaquim Romero de Magalhães aponta a forte influência religiosa e de certas leituras, somada ao gosto por exercícios físicos e ao cultivo do sentimento de honra guerreira como elementos que o teriam predisposto à decisão de empreender a jornada de Alcácer-Quibir (cf. MAGALHÃES, 1997).

irresponsabilidade, como a que levou por exemplo o historiador António Sérgio a se referir a D. Sebastião como um “pedaço de asno” (*apud* LOURENÇO, 1999, p. 46). A única unanimidade em torno da figura deste trágico rei parece ser o reconhecimento de sua “loucura” – lida, aliás, em chave positiva por Fernando Pessoa nos famosos versos que o poeta dedica a D. Sebastião na primeira parte de *Mensagem*: “Sem a loucura que é o homem / Mais que a besta sadia, / Cadáver adiado que procria?”

Durante entrevista concedida em 2004, Ariano Suassuna descreveu em termos sugestivos a semelhança entre o célebre personagem de Cervantes e o rei português desaparecido na costa africana:

D. Sebastião era um cruzado medieval, extraviado no tempo, como D. Quixote. Acabou liquidando-se por causa disso. Inventou de fazer Cruzada quando o mundo já era mercantilista e nada tinha a ver com aqueles ideais (...). D. Sebastião, é evidente, era um cavaleiro inoportuno, extemporâneo, arrasou com Portugal! (MONGELLI, 2004, p. 232).

A extemporaneidade dos ideais cavaleirescos no mundo moderno, tema central do *Quixote* e aspecto recorrente na polêmica em torno da figura de D. Sebastião, é posta em causa também pelo *Romance d’A Pedra do Reino*. Pedro Dinis Quaderna, o bisonho e alucinado cavaleiro criado por Suassuna, deve ser considerado, pois, como legítimo herdeiro dos dois ilustres (e igualmente fracassados) heróis que o precederam. Com efeito, D. Sebastião é uma presença constante no romance do escritor paraibano, pressentida sobretudo através da misteriosa figura do “rapaz do cavalo branco” e da atmosfera carregada de sebastianismo criada pelo autor. Por outro lado, embora o *Quixote* seja mencionado apenas duas vezes no *Romance d’A Pedra do Reino* – e ambas em tom curiosamente crítico, conforme veremos –, são evidentes os laços que unem Quaderna ao personagem cervantino: o desvario de ambos alimenta-se de copiosas leituras que excitam sua imaginação, levando-os a empenhar todas as suas forças no projeto de reinstaurar no presente glórias perdidas no passado – ressuscitar os ideais da cavalaria, no caso de Quixote, ou reerguer a dinastia da Pedra do Reino, segundo Quaderna.

A posição ambivalente do *Quixote* frente à matéria cavaleiresca parece não ter sido bem compreendida por Samuel Wandernes, personagem do *Romance d’A Pedra do Reino*. Em duas ocasiões, o promotor da Vila de Taperoá faz reparos às “molecagens” de Cervantes, que contrariavam o ideário de direita pregado por Samuel, segundo o qual a verdadeira identidade brasileira remontaria aos heróicos feitos de cavaleiros e descobridores ibéricos. As críticas de Wandernes ao *Quixote* baseiam-se precisamente nos traços que opõem o Cavaleiro da Triste Figura a D. Sebastião: enquanto este foi uma figura real (ou seja, de existência histórica comprovada) cujo heroísmo cavaleiresco permitiu-lhe ser elevado à categoria de mito, D. Quixote não passa de um personagem literário (e portanto fictício), que serviria ao propósito de escarnecer do ideal da cavalaria. Diz o promotor:

A Espanha, por maior que seja sua grandeza, tem sempre, ao lado de sua fanática heroicidade fidalga, um lado amolecado, almocreve e popular que nunca me agradou. É por isso que, enquanto a Espanha contribuía, através das molecagens vulgares de Cervantes, para destruir o mito do Cavaleiro, Portugal fornecia ao mundo a última figura de Cruzado e Cavaleiro que existiu, Dom Sebastião, o Desejado! (SUASSUNA, 2005, p. 223)<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> A outra passagem da obra em que o mesmo personagem se refere indiretamente a Cervantes contém afirmações semelhantes: “O Sebastianismo, Lino, foi a coroa e a rosa da Raça Latina! Foi fruto do sangue português e superior a tudo o que a própria Espanha pôde conceber nessa linha, porque Dom Sebastião foi uma pessoa que existiu mesmo e se transcendeu em Mito; enquanto na Espanha, o máximo que se conseguiu, no mesmo estilo, foi uma criação mera-

A erudição de Samuel Wandernes, contudo, não é compartilhada por outros personagens da obra, como Quaderna e seu amigo, o cantador Lino Pedra Verde. Mais próximos da sensibilidade popular nordestina, para a qual temas e valores já “ultrapassados” na época de Cervantes permanecem vivos e atuantes ainda hoje, eles não se deixam enredar pelas distinções históricas que Samuel (embora sendo ele também essencialmente um passadista) insiste em precisar. Para Quaderna e Lino, as aventuras de Carlos Magno e dos doze Pares de França continuam a se atualizar nas *cavalladas*, nos folhetos de cordel e nas próprias disputas de cangaceiros e rebeldes que periodicamente varriam o sertão. Lino recita versos de cordel sobre “a demanda do Sangral”; Quaderna é dono de uma estalagem chamada a “Távola Redonda” e, para ele, o retorno do “rapaz do cavalo branco” representa não apenas o cumprimento de uma profecia de matiz sebastianista, como também o cortejo de cangaceiros e ciganos que acompanhavam Sinésio é comparado a um desfile de nobres cavaleiros medievais. Realiza-se, assim, um processo que, para usar uma expressão de Lígia Vasallo (1993), pode ser descrito como de autêntico “estilhaçamento cronológico” e de ruptura de barreiras geográficas, pelo qual toda a memória história se atualiza e se funde no sertão nordestino, presentificando-se. O processo é magistralmente sintetizado por Lino Pedra Verde que, a certo ponto do debate que travava com Samuel, assevera: “tanto faz Roma como Canudos, tudo aquilo foi uma Tróia só” (SUASSUNA, 2005, p. 702).

É pela *permanência* de motivos históricos de origem vária, fundidos na cultura nordestina, que se explica a peculiar loucura que acometeu Pedro Dinis Quaderna. Tal mania, como a de D. Quixote, não se resume à simples falta de percepção da fronteira que separa o mundo real do imaginário; Quaderna e o Cavaleiro da Triste Figura almejam empreender um verdadeiro resgate do real, e reside aqui a causa de serem tidos por alienados. O desajuste de ambos provém do embate entre o ideal, consubstanciado na forma de aventuras cavaleirescas, e a realidade histórica, mesquinha e utilitarista, incapaz de compreender as “visagens” que os animam. Quixote é um visionário; Quaderna, cognominado “o Decifrador”, lê símbolos e sinais onde os outros só enxergam o trivial e o aparente. Um e outro, por vias distintas, entrevêm uma dimensão da realidade que permanece oculta aos demais: a do relacionamento com o ideal, que os faz entender a própria vida como missão.

Discorrendo sobre o *Quixote*, certa vez Ortega y Gasset definiu o herói como alguém que deseja ser ele mesmo (1967, p. 156). Se isto for verdade, decorre que a verdadeira saga do herói não será em primeiro lugar a realização de proezas ou exibição de bravura; o sentido último da aventura heróica deverá transcorrer *no interior do sujeito*. Haverá figuras que o demonstrem com mais clareza do que Quixote, o cavaleiro que fracassa em todas as suas empreitadas, e Quaderna, o fraco e covarde charadista que não consegue sequer cavalgar por muito tempo sem ter o traseiro assado? O insucesso dos dois no plano das realizações propriamente cavaleirescas contrasta com a riqueza e a complexidade de seu universo interior. É um desejo de autenticidade (desejo de ser si mesmo, de ser fiel ao ideal que os anima) que os torna heróicos. Assim como a trágica jornada de D. Sebastião à África, as aventuras de Quixote e Quaderna colocam em causa o problema da possibilidade da existência do verdadeiro herói no desencantado mundo moderno.

---

mente literária. E espúria, ainda por cima, porque foi saída não do sonho da Cavalaria, mas do escárnio” (SUASSUNA, 2005, p. 701).

## **Referências Bibliográficas**

- [1] CARDINI, Franco. O guerreiro e o cavaleiro. In: LE GOFF, Jacques (Org.). **O homem medieval**. Lisboa: Presença, 1989. p. 57-78.
- [2] CERVANTES, Miguel de. **Don Quijote de la Mancha**. Ed. de Martín de Riquer. Barcelona: Planeta, 2004.
- [3] ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- [4] FERREIRA, Jerusa Pires. Os sermonários do diabo ou as novelas de cavalaria. In: MACHLINE, Vera C. et al. (Orgs.). **Forma e ciência**. São Paulo: Educ, 1995. p. 77-99.
- [5] FLORI, Jean. Cavalaria. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). **Dicionário temático do Ocidente medieval**. Bauru: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. v. 1, p. 185-199.
- [6] HUIZINGA, Johan. **O declínio da Idade Média**. Lisboa: Ulisséia, [s.d.]
- [7] KEEN, Maurice. **Chivalry**. London: Yale University Press, [s.d.]
- [8] KÖHLER, Erich. **L'aventure chevaleresque: idéal et réalité dans le roman courtois**. 2. ed. Paris: Gallimard, 1984.
- [9] LOURENÇO, Eduardo. Sebastianismo: imagens e miragens. In: \_\_\_\_\_. **Mitologia da saudade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. cap. 5, p. 46-53.
- [10] LUCÍA MEGÍAS, José Manuel. **Imprenta y libros de caballerías**. Madrid: Ollero & Ramos, 2000.
- [11] MAGALHÃES, Joaquim Romero de. D. Sebastião. In: MATTOSO, José (Dir.). **História de Portugal: no alvorecer da Modernidade**. Lisboa: Estampa, 1997. v. 3, p. 455-460.
- [12] MONGELLI, Lênia Márcia. Entrevista com Ariano Suassuna. **Signum**, São Paulo, n. 6, p. 211-239, 2004.
- [13] ORTEGA Y GASSET, José. **Meditações do Quixote**. São Paulo: Livro Ibero-Americano, 1967.
- [14] SUASSUNA, Ariano. **Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- [15] VASSALLO, Lúgia. **O sertão medieval: origens européias do teatro de Ariano Suassuna**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

---

<sup>1</sup> **Autor(es)**

<sup>1</sup> Prof. Dr. Raúl Cesar Gouveia Fernandes  
Centro Universitário da Fundação Educacional Inaciana (UniFEI)  
raulfernandes@terra.com.br